

Memórias da música independente feita no Brasil

Seraphim Pietroforte

1.

No dia 18 de dezembro de 2016, um domingo, no teatro do SESC Belenzinho, na cidade de São Paulo, escutou-se, novamente e ao vivo, o Grupo UM, aquele que é, para uma geração de amantes da música instrumental brasileira, o grupo mais importante do Brasil. Essa relevância se justifica não apenas pela qualidade musical – isso é incontestável –, mas pelo fato histórico – vale lembrar – do Grupo Um produzir e gravar, no Brasil, o primeiro álbum de música instrumental independentemente das gravadoras comerciais.

O Grupo Um fundou-se em 1976; nessa época, o Brasil encontrava-se governado pelo general Ernesto Geisel, o penúltimo general da ditadura militar. Não havia, naqueles tempos, incentivo à cultura; durante o governo posterior do general João Figueiredo, incluíram-se álbuns de música, ao lado de copos d'água descartáveis, na lista dos supérfluos, quer dizer, dos produtos de consumo dispensáveis, aqueles com os quais ninguém deveria gastar dinheiro, desprezando, assim, as artes brasileiras.

Quanto à indústria fonográfica nacional da década de 1970, ela se marca pela presença constante dos costumeiros tropicalistas, em concordância com a música pop transmitida nas rádios, e o discutível rock brasileiro, levado adiante pela juventude burguesa. Em termos técnicos, devido à deficiência dos estúdios, padronizavam-se os timbres nas gravações; em termos estéticos e educativos, verifica-se a degradação do gosto, que se restringe a poucos estilos musicais, como o domínio, no repertório brasileiro, de canções – isto é, a MPM – em detrimento das músicas erudita e instrumental feitas no Brasil.

2.

Naquele cenário desastroso, não existia campo para os músicos instrumentais, a não ser a eterna solução de sair do Brasil, conforme acontecera a Edson Machado, Dom Um Romão, Airto Moreira, Flora Purim, Eumir Deodato, Raul de Souza etc.; todavia, nos dias 26 e 27 de setembro de 1979, foi gravado e mixado, no estúdio Vice Versa B, o primeiro álbum do Grupo Um, *Marcha sobre a cidade*, justamente, o primeiro álbum de música instrumental do movimento conhecido por Música Independente.

Posteriormente, artistas da MPB participaram do movimento, o qual, no entanto, permanece com ênfase na música instrumental; nessas circunstâncias, para recordar alguns exemplos, compensa citar estes álbuns:

- (I) em 1980: (1) *A Divina Incrência*, grupo formado pelos músicos Felix Wagner, Azael Rodrigues e Rodolfo Stroeter; (2) *Farrapos*, do vibrafonista Jota Moraes; (3) *Frevo de índio*, do guitarrista Celso Mendes; (4) *Mistérios da Amazônia*, do violonista Carioca e do grupo vocal Devas;
- (II) em 1981: (5) *Reflexões sobre a crise do desejo*, o segundo álbum do Grupo Um; (6) *Considerações a respeito*, do baterista Pascoal Meirelles;
- (III) em 1982: (7) *Viagem através de um sonho*, do saxofonista Nivaldo Ornelas; (8) *Luar do sertão*, também do Carioca;
- (IV) em 1983: (9) *Conversa de cordas, couros, palhetas e metais*, de Francisco Mário (o outro irmão do Henfil); (10) *Tambá*, também do Pascoal Meirelles.

Todos esses trabalhos são produções dos próprios artistas, contudo, na época, surgiram algumas gravadoras especializadas em Música Independente; delas, merecem destaque, pelo menos, estas três:

- (A) A gravadora Lira Paulistana, responsável pela produção de:
- (AI) em 1981: (11) *Aurora vermelha*, do guitarrista Frederica;
- (AII) em 1982: (12) *Alquimia*, grupo formado por André Dequech, Mauro Senise, Robertinho Silva e Zeca Assumpção; (13) *Imagens do inconsciente*, do grupo Pé ante pé; (14) *A flor de plástico incinerada*, o terceiro álbum do Grupo Um; (15) *Lágrima e Sunslide Suite*, do pianista Lelo Nazario; (16) *Poema da gota serena*, do baterista Zé Eduardo Nazário; (17) *Ciranda*, outro trabalho do Carioca;
- (B) a gravadora Carmo, uma iniciativa do compositor Egberto Gismonti, responsável pela produção de:
- (BI) em 1982: (18) *... entre duas palavras ...*, do violonista André Geraissati;
- (BII) em 1983: (19) *Violão*, do também violonista Nando Carneiro;

(BIII) em 1984: (20) *7 dias 7 instrumentos*, do Carioca; (21) *Bateria*, do baterista Robertinho Silva;

(C) a gravadora Som da Gente, responsável pela produção de:

(CI) em 1981: (22) *Mantiqueira*, do pianista Nelson Ayres; (23) *D'Alma*, dos violonistas Ulisses Rocha, André Geraissati e Rui Saleme; (24) *Medusa*, grupo formado Amilson Godoy, Chico Medori, Claudio Bertrami e Heraldo do Monte;

(CII) em 1982: (25) *Cordas vivas*, do guitarrista Heraldo do Monte;

(CIII) os cinco próximos trabalhos pertencem a Hermeto Pascoal: (26) *Hermeto Pascoal e grupo*, 1982; (27) *Lagoa da Canoa município de Arapiraca*, 1983; (28) *Brasil universo*, em 1986; (29) *Só não toca quem não quer*, 1987; (30) *Por diferentes caminhos*, 1989.

3.

Infelizmente, poucos artistas da Música Independente se notabilizaram; apenas aqueles que já mantinham elos com a MPB se encontram reconhecidos na dita Vanguarda Paulistana. Quanto às datas: (1) o álbum *Clara Crocodilo*, de Arrigo Barnabé, surgiu em 1980; (2) *Beleléu leléu eu, Isca de Polícia*, de Itamar Assumpção, em 1980; (3) *Premê*, do grupo Premeditando o Breque, e (4) *Rumo*, do grupo Rumo, foram lançados em 1981; (5) *Pássaros na garganta*, da Tetê Espindola, é de 1982. Verifica-se, pela época dos lançamentos, que tais trabalhos se realizaram posteriormente ao *Marcha sobre a cidade* e, em termos de vanguarda e quanto às concepções musicais, aquém do Grupo Um.

A suposta Vanguarda Paulistana não se forma apenas por artistas da cidade de São Paulo, ela recebe esse nome porque aconteceu nesse município. Desses artistas, não se deve esquecer de que: (1) o segundo álbum de Arrigo Barnabé, *Tubarões voadores*, de 1984, foi gravado e produzido pela Ariola Records, uma gravadora da cultura de massas, com a participação de artistas comerciais, como Rita Lee; (2) desvinculadas das performances de palco, as composições de Itamar Assumpção raramente se sustentam enquanto canções; (3) depois do primeiro álbum, a banda Premeditando o Breque entrou em franca decadência, cedendo cada vez mais às pressões do mercado fonográfico; (4) no segundo álbum do grupo Rumo, *Rumo aos antigos*, de 1982, resgatam-se vetustas canções da MPB, logo, distantes das vanguardas ou de renovações da música brasileira; (5) Tetê

Espindola, que já gravava música sertaneja no álbum de 1982, tornou-se cantora pop com o sucesso comercial, em 1996, da lamentável composição “Escrito nas estrelas”.

Para concluir, retomando os trabalhos do Grupo Um, enquanto boa parte da música instrumental seguia inspirada pela Bossa Nova e pelas propostas de Hermeto Pascoal, Egberto Gismonti e Wagner Tiso, o Grupo Um, assim como a Divina Incrência, sem desprezar essas influências, mas valendo-se delas, trilhou caminhos que permanecem inovadores 38 anos depois. Em vista disso, contrariamente ao que se passa com as supostas vanguardas paulistanas, o Grupo Um sempre se renovou em seus trabalhos: (1) o segundo álbum, *Reflexões sobre a crise do desejo*, dialoga com o jazz e a música erudita contemporâneos – até o primeiro quartel do século XXI, ainda se revela o único grupo brasileiro a dialogar com a música eletroacústica, improvisando sobre bandas magnéticas e a executar peças com piano preparado, semelhantemente a John Cage –; (2) no terceiro álbum, *A flor de plástico incinerada*, apresentam-se sínteses perfeitas entre música brasileira, jazz e música eletroacústica.

São Paulo, 01 de setembro de 2026